

**Título do Trabalho: Concertos populares em Belém: Luiz Maria Smido
(1899) e Meneleu Campos (1925)**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Mário Alexandre Dantas Barbosa (UFRJ)
malexdantas@gmail.com*

Resumo: O presente artigo apresenta um levantamento em fontes primárias sobre dois momentos da vida musical de Belém, capital paraense nos quais houve a iniciativa da promoção de concertos populares: a série inaugurada em 1899, sob os auspícios de governador do Estado, no auge do ciclo da borracha e a série de 1925, iniciativa que reflete a persistência de Meneleu Campos, músico local que enfrentava as adversidades da situação financeira desfavorável numa nova fase da sociedade belemense.

Palavras-chave: concertos populares. Meneleu Campos. Luiz Maria Smido. música paraense

Title of the paper in English: Popular concerts in Belém (PA): Luiz Maria Smido (1899) and Meneleu Campos (1925)

Abstract: This paper presents a survey on primary sources about two moments of Belém (PA) musical life, in which enterprises of popular concerts were promoted: Firstly, in 1899, under auspices of the State governor in the height of the rubber boom, and secondly, in 1925, initiative that reflects the persistence of Meneleu Campos, local musician who faced adversity from unfavorable financial situation in a new phase of that society.

Keywords: popular concerts. Meneleu Campos. Luiz Maria Smido. Pará music

A capital paraense, nas décadas finais do século XIX e nas iniciais do século XX, viveu o que se costuma chamar de *belle époque*. Tratava-se de uma sociedade em franco desenvolvimento urbano cuja ascensão econômica era propícia à produção e consumo de arte. A situação econômica favorável advinda da atividade em torno da extração e comércio da borracha na região amazônica dava suporte a tal desenvolvimento (PÁSCOA, 1997). As expectativas com relação a comportamento social a que sua população era submetida eram baseadas em modelos importados, um conjunto de signos que remetia ao bom gosto, refinamento, civilidade, alta cultura. Consequentemente, naquela localidade testemunhou-se uma profusão artística que teve seu apogeu num período histórico caracterizado por vários eventos que marcaram a vida artística e, mais especificamente, musical de Belém do Pará.

Neste sentido, no segundo semestre de 1899, o governador do Estado em exercício à época, dr. Paes de Carvalho, proveu aos paraenses a oportunidade de ir ao teatro para ouvir música sinfônica. Esta iniciativa governamental foi prontamente noticiada pela

imprensa local que louvava o referido líder político na medida em que buscava "um meio facil de educar o gosto artistico do publico paraense" (Ver A Província do Pará, 04/08/1899, p. 03, Seção Espectaculos).

A promoção dos concertos populares, conforme ficaram conhecidos na época, tinha um objetivo claro. Para o líder político do povo que habitava uma localidade em franco desenvolvimento urbano, era imperativo que o refinamento ocorresse, na medida do possível, em todas as camadas. Ampliar o acesso a um tipo de atividade cultural que, de outra maneira, estaria restrita a uma pequena elite, foi a estratégia adotada para atingir o referido fim. A quantidade de cem músicos reunidos no conjunto revestia a situação de uma grandiosidade rara em contraste com o que o público da época estava acostumado a presenciar.

O músico investido pelo governo para estar à frente da empreitada, Luiz Maria Smido, era mais um dos estrangeiros radicados em Belém. Possuidor de uma formação acadêmica que incluía estudos no Conservatório de Viena e no Conservatório de Leipzig, permaneceu à frente do cargo, segundo Salles (2007, p. 315), até 1903.

A gratuidade, que se constituía como um fator importante, vem explicitada na nota a seguir, bem como o programa do primeiro concerto:

Concertos Populares/ Na próxima terça-feira, 15 de agosto, terão inicio no teatro da Paz os concertos populares gratuitos oferecidos ao publico paraense pelo governador do Estado./ D'este primeiro concerto acha-se encarregada a banda do regimento militar do Estado, composta de cem professores escolhidos e dirigidos pela batuta do maestro L. M. Smido./ O programma, dividido em duas partes, compõe-se dos seguintes numeros de musica:/ 1º - R. Wagner-1º prelude da opera Lohengrin./ 2º - A. Adam-Overture da opera Si j'etais roi./ 3º - G. Bizet-Introdução e duetto da opera Carmen./ 4º - G. Verdi-Symphonia da opera Forza del destino./ 5º - F. Michaelis-La Patuglia turca./ 6º - Carlos Gomes.-Grande Phantasia da opera Guarany. (A Provincia do Pará, 11/08/1899, p. 2, seção Espectaculos e Concertos)

Em termos de repertório, figuram no programa inaugural dos concertos populares de Belém compositores dentre os mais proeminentes da época. Um destaque a ser feito é com relação à peça que encerra o programa acima apresentado. Carlos Gomes era presença obrigatória nos programas de concerto em Belém. Falecido há pouco mais de quatro anos, o impacto de sua estadia naquela cidade nos últimos momentos de vida era ainda muito forte e permaneceria ainda por muito tempo. Sabe-se que a adoção de Carlos Gomes como paradigma musical foi um fenômeno de ampla abrangência no chamado romantismo musical brasileiro, resistindo até períodos tardios. Vale reiterar que esse conceito apresentado por Volpe (2004) aplica-se também à vida musical de Belém.

Com relação ao desempenho do conjunto instrumental sinfônico e à receptividade do público ao mesmo, encontra-se uma breve nota no jornal:

O dia de hontem/ Ás 2 horas da tarde, perante numerosa assistencia, teve lugar o concerto popular, executado por cem professores escolhidos entre os que compõem as bandas marciaes do regimento militar do Estado, sob a regencia do maestro Smido./ Esteve animadissimo, tendo sido o programma cumprido á risca e vivamente applaudido. (A Provincia do Pará, 16/08/1899, p. 1, seção Notícias)

Curto intervalo ocorre entre o primeiro e o segundo concerto da série, apontando na direção de um histórico de continuidade para a proposta (Ver A Provincia do Pará, 06/09/1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos).

Por um lado, boa parte das peças que compunham os programa tinham uma relação de pertença ao mundo da ópera, por outro encontram-se compositores franceses e representantes expoentes da tradição austro-germânica. Essa era a orientação estética que se vê refletida nos programas de concertos da época também na capital federal, num projeto de renovação do repertório estimulado pela ideologia do novo regime (VOLPE, 2001, p. 58-77). A tendência era rejeitar a escola italiana por sua associação com o regime monárquico e consequente conotação de arcaísmo.

O grupo sob a direção do maestro Smido passou a ser requisitado para apresentações que integravam a programação de alguns eventos específicos. Por exemplo, temos as comemorações do descobrimento da América que proporcionou à população a oportunidade de ouvir pela quarta vez a referida banda sinfônica, conforme o seguinte anúncio, encontrado num espaço do jornal consagrado às atividades do Theatro da Paz (Ver A Provincia do Pará, 08/10/1899, p. 8).

As peças de Liszt, A. Adam e Carlos Gomes já tinham constado de programas anteriores. O que denota que os compromissos agendados para a Banda eram suficientes para deixá-la sem tempo hábil para renovar o repertório o bastante para ter novas peças a cada apresentação. Muito embora não tenha havido tanta novidade no quarto concerto no que diz respeito ao repertório, a informação veiculada pela imprensa consoante à recepção dá a ideia de muito apreço por parte da plateia:

12 de outubro/ [...] Verdaderamente esplendido, sob todos os aspectos, esteve o concerto musical levado a effeito hontem á tarde, no theatro da Paz, pelas bandas de musicas [sic] reunidas dos diversos corpos do regimento militar do Estado, sob a regencia do maestro L. M. Smido e em commemoração do 407° anniversario do descobrimento da America./ De facto, desde pouco depois de 3 horas da tarde, innumeros populares, fiados na noticia que a respeito dera A Provincia do Pará, começaram a affluir á nossa bella sala de espectaculos que, á hora em que começou o concerto (4 horas, segundo o programma official), achava-se litteralmente cheia./ N'essa occasião podiam-se ver nas frisas, camarotes, cadeiras e platéa, grande numero de representantes das mais altas classes da nossa sociedade, incluindo n'esse numero algumas, embora poucas, distinctas familias/ Sendo o espectáculo, como era, em commemoração a uma data consagrada pelo governo provisorio da Republica, começou o concerto pelo bellissimo Hymno Nacional, de Francisco Manoel, magistralmente regido e executado, respectivamente, pelo maestro Smido e

bandas reunidas das forças paraenses, e respeitosamente ouvido de pé por toda a assistência que, ao terminar a execução, prorrompeu em calorosos vivas e bravos./ Seguiu-se a fiel execução das peças constantes do programma por nós publicado em nossa ultima edição, e d'entre as quaes destacamos, pelo colorido dado á musica, pelas dificuldades de passagens e mudanças de tom, feitas com verdadeira maestria; por tudo, emfim, a 2ª Rhapsodia hungara, de F. Liszt, e a prothophonia do Guarany, do nosso inolvidavel Carlos Gomes./ Essas duas peças, ao terminar a interpretação, mereceram bravos e palmas estrepitosos por parte da assistência, que obrigou os executantes a bisal-as./ Outro tanto, porém, não se deu com a ouverture da Carmen, de Bizet, aliás, magistralmente executada, sobretudo se attendermos a que a parte confiada, nas orchestras, ao violinos, que não são admissiveis nas bandas, foi feita pelos clarinetes e flautas, n'um admiravel tremolo, que infelizmente passou despercebida á maioria dos assistentes. (A Provincia do Pará, 13/10/1899, p. 1, seção editorial)

Um detalhe com relação ao público que se destaca na nota acima é o fato de o cronista perceber e deixar registrado a ausência da elite da sociedade belemense, as “distintas famílias” que compareceram eram poucas. O fim da nota, conforme se pode ler abaixo, põe em relevo o aspecto social da distinção de classes e a intenção da iniciativa governamental em dar suporte aos concertos populares é novamente ratificada:

Em summa: foi um espectáculo que muito honra - e todos quantos lá estiveram partilham, de certo, a nossa opinião - o perseverante maestro Smido, os disciplinados e obedientes musicos das forças paraenses e, sobretudo, o honrado governador do Estado que, promovendo esses concertos populares e gratuitos, deu mais uma prova da noção exacta e verdadeira orientação que tem da educação do povo. / Uma coisa apenas notamos: a grande abstenção de familias que, entretanto, razão alguma têm para assim proceder; ao contrario, devem comparecer a essas festas, que nada perderão com isso. (A Provincia do Pará, 13/10/1899, p. 1, seção editorial)

Menos de um mês à frente, um último concerto é oferecido ao público antes do fim do ano. Este, porém, agendado inicialmente para o dia em que haveria no Theatro da Paz a palestra de Ignacio Baptista de Moura, uma espécie de preparação para a anual exposição científica, artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant, prevista para acontecer em maio do ano seguinte. O convite para o evento era dirigido especificamente “à imprensa, os artistas em geral, os industriaes, as sociedades artisticas, litterarias e scientificas, enfim, todos aquelles que se interessam pelo progresso d'este grandioso Estado” (A Provincia do Pará, 22/10/1899, p. 4, seção “Seção Livre”). A parte musical, “não se poude, porém, effectuar, por estar o theatro, ainda a essa hora, completamente ás escuras, visto não haver sido o pessoal empregado na sua illuminação avisado de que teria de comparecer ali hontem pela manhã.” (A Provincia do Pará, p. 3, seção Notícias). O programa que previa repetir “1º R. Wagner - 1º preludio da opera Lohengrin/ 2º G. Verdi - Symphonia da opera Forza del destino./ 3º F.Liszt - 2ª Rhapsodia hungara (a pedido)/ 4º A. C. Gomes - Symphonia da opera Guarany (a pedido)”, não se manteve o mesmo na última aparição que as bandas reunidas sob a regência

de L. M. Smido tiveram em 1899, em meio às comemorações do aniversário da Proclamação da República, conforme a nota apreciativa publicada dois dias após:

Os festivaes republicanos/ [...] O Concerto - Cerca de 1 hora da tarde, hontem, realizou-se no theatro da Paz o grande concerto musical pelas bandas do regimento militar do Estado, sob a regencia do distincto maestro Luiz Maria Smido./ Foi executado á risca e com a correção que já temos frisado, ao noticiar festivaes identicos, o programma por nós publicado em nossa edição de ante-hotem, sendo, por isso, os executantes calorosamente applaudidos pelo numeroso auditorio que enchia a nossa vasta e bella sala de espectaculos./ Causou muito bôa impressão, pelo progresso que denota por parte dos disciplinados musicos da milicia paraense, a interpretação da valsa Santiago, de A. Corbin, regida pelo maestro Joaquim Baptista, da banda do 2º corpo; da ouverture O poeta e o aldeão, de F. Suppé, regida pelo mestre Manoel Julião, da banda do corpo de cavallaria, e do potpourri d'Os Granadeiros, regido pelo mestre Vicente Segundo, da banda do 1º corpo./ Essas duas ultimas peças fôram bisadas./ Entre os espectadores vimos muitas familias das melhores da nossa sociedade. (A Provincia do Pará, 17/11/1899, p. 1, seção editorial)

As “distinctas familias”, que eram poucas por ocasião do concerto comemorativo do Descobrimento da América alusivo, conforme o crítico, já são identificadas em maior número em meio à plateia dos concertos populares. A renovação do repertório no concerto acima comentado é outro fator interessante na atividade recém iniciada do grupo regido por Smido, tendo o seu regente demonstrado, inclusive, estar receptivo à produção do recém diplomado Meneleu Campos, como deixa saber a seguinte nota:

No proximo concerto das bandas do regimento militar do Estado serão executadas duas verdadeiras novidades musicas, ainda ineditas. Trata-se da grande marcha Quinze de Novembro, composição do distincto maestro paraense Meneleu Campos, e uma phantasia sobre a opera Semele, do maestro Ettore Bosio, que estão sendo caprichosamente instrumentadas e ensaiadas pelo maestro L. Smido. (A Provincia do Pará, 08/11/1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos)

Um quartel de século depois, a sociedade de Belém já passava por diferentes circunstâncias no contexto econômico, fato que se refletia em sua vida musical. Uma vez que a economia gumífera já tinha entrado em sua linha de declínio e as dificuldades financeiras atingiam aos demais setores da sociedade, incluindo o artístico, muitos músicos buscaram outros centros como opção para o desenvolvimento de suas atividades.

Neste contexto, porém, um músico que permaneceu em sua cidade natal deu início a uma intensa atividade através de “concertos a preços populares”. Esta iniciativa de Meneleu Campos ecoou na imprensa da época (A Provincia do Pará, 15/04/1925, e 17/04/1925, p. 1, seção Artes e Artistas) como uma “noticia alviçareira”. O jornal propagava tal série como “encantadoras audições matinaes de canto e esplendida orchestra” que seriam também “horas de educativo enlevo” e “alenvantamento da arte nobre”. O aspecto dos preços populares foi enfatizado nos anúncios da “attrahente hora de arte domingueira” na qual era esperado se

“contentar a sociedade de ‘elite’, como ao publico em geral”. Em termos do que isso significava para a sociedade belemense, a nota sobre a série a frente da qual estaria desta feita Meneleu Campos, expressa “como se faz nos centros mais cultos do paiz”, demonstrando que se tratava também de um símbolo de desenvolvimento sócio-cultural do qual povo paraense de então se ressentia pela respectiva ausência. Ao se aproximar a data do primeiro concerto da série foi anunciada data, local bem como o preço das “horas de arte com que o maestro Meneleu Campos encherá de alegria e enlevo a alma encantadora de Belem, nessas manhãs de verão”, conforme vinha anunciado no jornal diário:

No proximo dia 3 de maio entrante será realizada, pela manhã, a primeira hora de canto e musica no Theatro da Paz. [...]. Os preços para essas horas serão os seguintes: cadeiras, 3\$; frizas e camarotes, de 1^a, 20\$; camarotes de 2^a, 5\$, galerias, 1\$, e paraizos 500rs (A Provincia do Pará, 22/04/1925, p. 1, seção Artes e Artistas)

Pode-se dizer que, diante das circunstâncias adversas que o meio artístico enfrentava à época, a série se desenvolveu satisfatoriamente. Até o fim do ano em que teve seu início, foram apresentados cinco concertos. Os anúncios permaneciam constantes e iam revelando as peças previstas para os programas dos respectivos concertos (Ver, p. ex., A Provincia do Pará, 19/06/1925 e 27/06/1925). A parte dedicada à música orquestral era assegurada pela participação de um grupo de trinta músicos à frente do qual Meneleu Campos pode reger dentre suas obras o Noturno em Mi bemol e a gavota “Lívia”. Quanto ao repertório estrangeiro, o maestro pode contar com esta orquestra para executar, ainda no primeiro ano da série, a Sinfonia nº 1 de Beethoven, o poema sinfônico “Danse macabre” de Saint-Saens, o prelúdio da ópera “Carmen” de Bizet e a abertura da opera “La Gioconda” de Ponchieli, a abertura “Euryanthe” de Weber, a “Danse des Sylphides”, de Berlioz, além dos acompanhamentos orquestrais das peças interpretadas pelas suas alunas, dentre as quais a Grande Polonaise de Chopin, além da tradicional profonia do “Guarany” de Carlos Gomes.

Os alunos de Meneleu Campos apresentavam-se regularmente. Maria de Nazareth Vasconcellos, por exemplo, executou no quarto concerto vocal e instrumental a preços populares o Concerto em Lá para piano e orquestra de Meneleu que fora incluído na série pela segunda vez. Nome constante nos programas organizados por seu professor, Maria de Nazareth, que era referida pela imprensa da época como “a artista pequenina e já maravilhosa” (A Provincia do Pará, 19/06/1925, p. 1, seção Artes e Artistas), “a inteligente alumna de Meneleu Campos”, preparava-se para viajar para Europa sob as expensas do governo Dionysio Bentes a fim de terminar o curso de piano no Conservatório de Paris. Antes de sua partida, porém, participaria com a sonata “Clair de lune”, de Beethoven, no 5º concerto

da série promovida por Meneleu (A Província do Pará, 30/08/1925, p. 1, seção Artes e Artistas). Além da referida pianista também as alunas Elisa Gondim e Hermilia Nobre, que já haviam figurado no programa do concerto de abril, tinham seus nomes recorrentes na série.

A série de concertos inaugurada por Meneleu Campos em abril de 1925 deu oportunidade para a execução de várias peças deste compositor. O caráter misto dos programas também chama a atenção pela proeminência que a música instrumental ganha sobre a música vocal. Particularmente, a música para piano solo, mais rara nos concertos do Theatro da Paz em fins dos oitocentos (BARBOSA, 2012, p. 39-41), foi bastante incentivada por Meneleu Campos na última fase de sua carreira de através da inclusão de suas alunas nos programas dos concertos por ele organizados. Outro dado relevante diz respeito à renovação pela qual passara o repertório com a inclusão de compositores europeus ligados às tradições francesa e germânica, reforçando a nova orientação estética que desde a série de 1899, anteriormente comentada, já vinha se efetuando. Especialmente, Saint-Saens e Berlioz, outrora ausentes das salas belemenses, passam a figurar nos programas deste novo momento. No campo da música vocal a produção lírica de Carlos Gomes, “paradigma persistente em época de crepúsculo” (VOLPE, 2004) divide espaço neste período com a de Gounod, Leoncavallo, Puccini e Ponchieli, sendo a música vocal de câmara representada pela produção do próprio Meneleu Campos.

Em meio a tantas realizações Meneleu recebeu reconhecimento em sua terra natal não somente por seu mérito como compositor, mas também como “grande amigo da educação artística do nosso povo [paraense]” (A Província do Pará, 21/09/1925, p. 1) em função das demonstrações de “seu esforço em prol da arte em nossa terra” (A Província do Pará, 29/06/1925, p. 1, seção Artes e Artistas). Constantemente, suas iniciativas eram retratadas na imprensa num tom quase heróico em face da crise pela qual a sociedade passava:

Miniaturas/ Tem sortido um effeito maravilhoso os concertos, a preços populares, do maestro Meneleu Campos. É uma tarefa productiva que merece incondicional apoio. A educação artistica estava ensombreada pela ausencia de emoções, que a despertassem da profunda lethargia em que adormecera, num instante de nenhuma preocupação pelas coisas do espirito. Deve-se por isso, á feliz inspiração do illustrado musicista, a reacção formidolosa com que se recebem hoje as manifestações reveladoras dos altos sentimentos da arte. A indiferença do meio quebra-se de encontro á sua perseverança e o vigor da lucta presta o effeito desejado. Encarando as proporções gigantescas dessa carinhosa redempção que se opera pelo progresso civilizador da arte, sente se a alta esphera de acção com o que a tanto concorrem os concertos regidos pelo acatado compositor. O bom gosto vae despertando as energias sadias e Meneleu Campos, como um eleito, recebe a admiração espontanea dos que comprehendem a sua objetiva. [...]/ Mendes Costa. (A Província do Pará, 22/08/1925, p. 1, seção Miniaturas)

Volpe (2001, p. 58-77), ao discorrer sobre a promoção de séries de concertos populares na capital federal na transição do regime monárquico para o republicano, mostra sua relação simbólica com o desenvolvimento sócio-cultural.

Em situação similar vemos Meneleu Campos persistindo na sustentação de um dos principais símbolos culturais associados a uma situação sócio-cultural que interessava ser mantida. A sua atividade artística estava imbricada com a de educador e a receptividade encontrada, por sua vez, relacionava-se a um contexto de carência na oferta dos produtos culturais a que a elite se acostumara a consumir em época de fausto.

O mesmo palco sediou em Belém as séries de concertos populares aqui referidas e promovidas em dois distintos momentos históricos daquele importante centro artístico. O Theatro da Paz recebeu, em finais do século XIX, em pleno apogeu do ciclo da borracha, a banda de cem músicos, como iniciativa governamental, numa série de concertos populares dirigida, inicialmente, pelo italiano Luiz Maria Smido. Em um contexto bastante diferente, porém, o filho da terra Meneleu Campos, a frente de uma orquestra de 30 elementos, quando muitos músicos outrora atuantes na cidade haviam já migrado para outros centros musicais em função das dificuldades originadas pelo declínio da atividade responsável pela capitalização e consequente urbanização de outrora, superou a questão de falta de apoio da parte do governo e novamente ofereceu à sua sociedade uma série de concertos populares. Além do palco, entretanto, algo mais as duas iniciativas tinham em comum: a continuidade da educação do gosto daquele povo, conforme os ideais civilizadores presentes à época.

Referências:

BARBOSA, Mário Alexandre Dantas. *Meneleu Campos (1872-1927), um compositor paraense: trajetória profissional e catálogo geral*. Rio de Janeiro, 2012. 289f. (Dissertação de Mestrado em Musicologia Histórica), PPGM/EM-UFRJ.

PÁSCOA, Márcio Leonel Farias Reis. *A vida musical de Manaus na época da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1997.

VOLPE, Maria Alice. *Indianismo and landscape in the Brazilian age of progress: art music from Carlos Gomes to Villa-Lobos, 1870s-1930s*. (Tese de Doutorado) Universidade do Texas-Austin. Ann Arbor, Michigan: UMI-Research Press, 2001.

_____. Carlos Gomes: a persistência de um paradigma em época de crepúsculo. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música (17) (mai): 2-11, 2004.

SALLES, Vicente. *Música e músicos do Pará*. (2.ed, corrigida e ampliada). Belém: SECULT/SEDUC/AMU/PA, 2007.

Periódicos consultados:

A Província do Pará – coleções: Biblioteca Nacional (RJ) e CENTUR (PA)

